

ETNIA, IDENTIDADES NEGRAS E CULTURA: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS, RESISTÊNCIAS E SENTIDOS NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

Autor: Alex Tomáz (IFPR / UEL) – alextomaz2@gmail.com

Palavras-chave: Etnia; Identidades Negras; Cultura.

1. Introdução

O presente trabalho analisa as relações entre etnia, identidades negras e cultura no Brasil, compreendendo-as como construções históricas e sociais atravessadas por processos de colonização e racismo estrutural. Parte-se do entendimento de que as identidades negras foram historicamente marginalizadas por discursos racistas, eugenistas e pelo projeto de branqueamento. O objetivo central é analisar como essas identidades se reconfiguram a partir de disputas simbólicas e práticas culturais, constituindo-se como espaços de afirmação política e epistemológica, essenciais para o enfrentamento das desigualdades e a consolidação de uma sociedade plural.

2. Metodologia

A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica analítica e qualitativa, focada em obras clássicas e contemporâneas sobre etnia, racismo, branquitude e identidades negras. A reflexão teórica fundamenta-se nas contribuições de autores das ciências sociais e humanidades que permitem compreender a cultura e a raça como categorias dinâmicas e politicamente situadas.

3. Resultados e Discussão

A análise dos dados bibliográficos demonstra que as identidades negras no Brasil não são meras reações passivas ao racismo, mas projetos coletivos e conscientes de resistência e produção de novos sentidos de pertencimento. Ao confrontar o mito da "democracia racial", o protagonismo intelectual negro promove um deslocamento epistemológico crucial: o sujeito deixa de ser o "objeto" de estudo de discursos eugenistas que visavam a patologização e o controle social para assumir a condição de "sujeito" produtor de conhecimento e narrador de sua própria história. Conforme apontado por Munanga (2008), a identidade é um processo em constante devir; nesse sentido, a etnia deixa de ser um entrave biológico, como pregado pelo projeto de branqueamento, para se tornar uma categoria política de afirmação.

A discussão revela que a cultura atua como o principal campo de batalha simbólico. Práticas culturais e saberes tradicionais, frequentemente lidos de forma folclórica ou exótica pela hegemonia branca, são identificados nesta pesquisa como ferramentas sofisticadas de preservação da memória e de enfrentamento à branquitude normativa. A partir das reflexões de Lélia Gonzalez (2018) e Antônio Bispo dos Santos (2015), percebe-se que o protagonismo negro tensiona as

heranças coloniais ao propor o "quilombismo" e a "amefricanidade" como contra-narrativas ao eurocentrismo.

Ademais, os resultados indicam que a afirmação dessas identidades exige uma denúncia contínua da branquitude enquanto lugar de privilégio e poder não nomeado. Ao validar epistemologias negras e reconhecer a intelectualidade de grupos historicamente silenciados, o trabalho evidencia que a produção de conhecimento é um ato de libertação. A cultura negra, portanto, é aqui compreendida como um dispositivo de poder que subverte as hierarquias raciais, permitindo que a resistência cultural se converta em avanços institucionais e na ocupação de espaços de decisão, especialmente no âmbito da educação profissional e tecnológica.

4. Conclusão

Conclui-se que a transição para o protagonismo intelectual negro é um processo urgente e indispensável para a desconstrução do racismo estrutural no Brasil. A afirmação das identidades negras como dispositivos de poder e resistência não apenas desafia as estruturas coloniais remanescentes, mas propõe uma reconfiguração da ética social brasileira baseada na equidade e no respeito à alteridade. A pesquisa reafirma que o fortalecimento da consciência étnica e a valorização das expressões culturais e intelectuais negras não são atos isolados de preservação, mas ações políticas profundas que transformam a realidade social. Garantir que o sujeito negro seja o protagonista de sua trajetória e produtor legítimo de saber é o caminho fundamental para a superação das desigualdades e para a construção de uma justiça social efetiva.

5. Referências

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.